

# IRÃ SOB PRESSÃO: VOZES DE OPOSIÇÃO E DISSIDENTES ENFRENTAM A TEOCRACIA

Por Giuseppe Gagliano\*



*Imagen meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.*

O Irã enfrenta uma oposição fragmentada que desafia o regime teocrático; a dissidência ganha apoio internacional, e ao mesmo tempo em que aumentam as tensões geopolíticas, o futuro do país é incerto.

**A**sombra do regime dos mulás, o Irã fervilha de forças de protesto, correntes díspares que, apesar de sua fragmentação, desafiam a ordem teocrática de Ali Khamenei. Esses movimentos, sejam eles seculares, islâmicos, étnicos ou monarquistas, formam um caleidoscópio de oposição onde as esperanças de democracia e os riscos de escalada se misturam.

Em 1º de julho de 2023, em Auvers-sur-Oise, perto de Paris, a “Cúpula Mundial do Irã Livre” reuniu figuras políticas internacionais, de Mike Pence a Joe Lieberman, para apoiar a mudança de regime. No centro deste evento, Maryam Rajavi, líder do Conselho Nacional de Resistência do Irã (CNRI) e da Organização dos Mujahedin do Povo Iraniano (MEK, *Mujahedin-e Khalq*), representa uma oposição que está ganhando influência, mas que também despertou a ira de Teerã. Em um estilo narrativo e crítico, à maneira de Fulvio Scaglione, exploramos essas vozes dissidentes, suas ambições e os perigos que enfrentam em um Irã à beira do precipício.

## UM MOSAICO DE OPOSIÇÕES: A REBELIÃO INTERIOR

O Irã, por trás da fachada monolítica do regime, é um país fragmentado por correntes de oposição tão diversas quanto determinadas. O Movimento Verde, nascido dos protestos de 2009 contra a fraude eleitoral, continua a inspirar aspirações democráticas, especialmente entre os jovens. No Baluchistão, o Jundallah, um grupo rebelde, está travando uma luta armada contra o governo central, enquanto os curdos em suas regiões montanhosas continuam sua busca por autonomia. Azeris, monarquistas nostálgicos do Xá, o Partido Comunista dos Trabalhadores e vários grupos seculares e islâmicos formam um quadro heterogêneo, muitas vezes desunido, onde cada facção luta por seus próprios ideais. No entanto, um ator domina esse cenário: a Mujahedin-e Khalq (MEK), ou Organização dos Mujahedins do Povo do Irã, considerada por muitos a força de oposição mais estruturada e influente.

Fundado na década de 1960 com uma ideologia que misturava islamismo e marxismo, a MEK evoluiu desde suas origens controversas. Antes vista como um grupo militante pelo Ocidente, ela se reposicionou como um movimento que defende a democracia secular, sob a liderança de Maryam Rajavi. Essa transformação, embora vista com desconfiança, atraiu crescente apoio internacional, como evidenciado pela cúpula de Auvers-sur-Oise.

## UMA CÚPULA PELA LIBERDADE: O ECO INTERNACIONAL

Em 1º de julho de 2023, a “Cúpula Global por um Irã Livre” em Auvers-sur-Oise marcou um ponto de virada. Figuras proeminentes como o ex-vice-presidente dos EUA, Mike Pence, o ex-conselheiro de Segurança Nacional, John Bolton, e Joe Lieberman, arquiteto do Departamento de Segurança Interna, falaram no evento. Figuras britânicas, como Liam Fox e John Bercow, e canadenses, como Stephen Harper, juntaram-se a esse movimento bipartidário, misturando conservadores e progressistas em um raro consenso: o regime iraniano é uma ameaça, e sua derrubada está se tornando uma prioridade. Esta reunião, longe de ser insignificante, reflete uma crescente convergência das elites ocidentais em torno da oposição iraniana, em particular o MEK.

Rajavi, descendente da dinastia Qajar que governou até 1925, foi a figura central da cúpula. Em seu discurso, ela chamou a derrubada do regime de “inevitável”, denunciando a misoginia dos mulás e os sacrifícios das mulheres iranianas, a espinha dorsal da MEK. Sua mensagem, combinando fervor religioso e um apelo pela separação entre mesquita e estado, repercutiu entre o público internacional. Pence, que se encontrou com Rajavi na Albânia em 2022, afirmou que “nenhum regime opressor pode durar para sempre”, enquanto Bolton, alvo declarado de Teerã, denunciou as operações de guerra híbrida do regime, incluindo tentativas de assassinato contra autoridades americanas. Sua previsão – “Daqui a um ano, estaremos em Teerã” – reflete uma ousadia que, embora retórica, sublinha a urgência sentida pela oposição.

## JOGOS GEOPOLÍTICOS: UM REGIME SOB TENSÃO

O regime iraniano, enfrentando pressões internas e externas, está jogando um jogo complexo. A invasão russa da Ucrânia em 2022 perturbou os cálculos de Teerã, que esperava um aumento na demanda europeia por seus hidrocarbonetos. Essa oportunidade perdida levou o regime a intensificar seu programa nuclear, usando o enriquecimento de urânio como alavancas nas negociações com o Ocidente, particularmente com Paris e Washington. Ao mesmo tempo, o Irã está fortalecendo seus laços com Rússia, China e Cuba, formando uma aliança de "duplo uso" que preocupa as chancelarias ocidentais. Essa convergência, aliada à redistribuição de poder em Moscou entre os serviços secretos, o Exército e os oligarcas da energia, amplifica a ameaça global representada por Teerã.

A cúpula de Auvers-sur-Oise revelou um alinhamento bipartidário nos Estados Unidos, onde democratas e republicanos, como Lindsey Graham, Bob Menendez e Richard Blumenthal, concordam com a necessidade de combater o Irã. Um projeto de lei exige que a Inteligência Nacional alerte o Congresso se o Irã exceder o limite de enriquecimento de urânio de 60%, nível já ultrapassado de acordo com a AIEA. Essa crescente desconfiança nas negociações com Teerã, ilustrada pela oposição ao acordo negociado em Omã, reflete um endurecimento da posição americana, em linha com as preocupações de Israel, que vê o Irã como ameaça existencial.

## O PASDARAN: A ESPADA DO REGIME

Diante dessa crescente oposição, o regime está confiando no Pasdaran, o Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC, *Islamic Revolution Guard Corp*), verdadeiro pilar de sua sobrevivência. Designada como organização terrorista pelos Estados Unidos em 2019 pelo seu papel no financiamento e promoção do terrorismo patrocinado pelo Estado, o IRGC opera como uma força híbrida, combinando operações militares, inteligência e influência econômica. Sua presença, inclusive na Europa e na Itália, onde são suspeitos de atividades clandestinas, os torna uma ameaça global. Sua estrutura, semelhante à dos serviços especiais russos, permite que eles orquestram campanhas de desinformação, sabotagem e ataques para combater dissidentes, particularmente a MEK.

O regime iraniano tentou desacreditar a MEK, principalmente durante a visita de Rajavi a Roma, onde ela foi convidada pela Fundação Luigi Einaudi. Esta campanha de desinformação visa manter a imagem de um movimento radical, obscurecendo sua evolução em direção a um projeto democrático. No entanto, a MEK, sob a liderança de Rajavi, defende uma separação clara entre religião e política, uma visão que é cada vez mais atraente no Ocidente, mas expõe seus membros a riscos crescentes, incluindo ataques orquestrados pelo Pasdaran.

## FUTURO INCERTO: ENTRE A ESPERANÇA E A AMEAÇA

O apoio internacional à MEK, simbolizado pela cúpula de Auvers-sur-Oise, marca um ponto de virada. A influência de Maryam Rajavi, uma mulher muçulmana que defende a democracia liberal, está crescendo à medida em que o regime enfraquece diante das pressões econômicas e sociais. Mas essa dinâmica não é

isenta de perigos. O endurecimento da posição ocidental, liderado por figuras como Mike Pompeo e Liz Truss, que denunciaram qualquer novo acordo nuclear como uma “*calamidade*”, pode provocar uma escalada. O regime, encurralado, corre o risco de responder com uma intensificação do terrorismo, por meio do Pasdaran, ou com uma postura ainda mais agressiva no cenário regional.

Neste jogo de sombras, o Irã se encontra em uma encruzilhada. Os movimentos de oposição, embora fragmentados, representam uma esperança de mudança, carregada por figuras como Rajavi e apoiada por uma improvável coalizão internacional. Mas o regime, forte em seu Pasdaran e em suas alianças com poderes autoritários, não cederá sem lutar. Entre a ameaça de um conflito regional e a aspiração por uma república democrática, o futuro do Irã permanece suspenso, como um equilibrista, em um Oriente Médio onde cada passo pode mudar a situação.

*Publicado no [Le Diplomate Media](#).*

---

**\*Giuseppe Gagliano** é presidente do Centro Studi Strategici Carlo de Cristoforis, em Como, Itália. É membro do comitê internacional de assessores científicos do Centre Français de Recherche sur le Renseignement (C2R).

---